

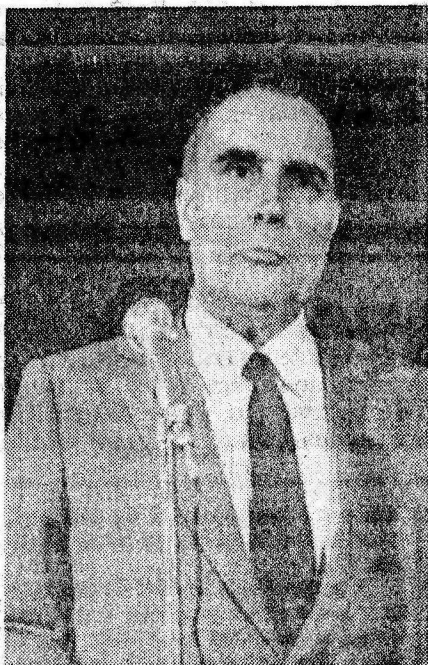
Mitterrand poderá apoiar ação conjunta a favor dos endividados

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — O presidente François Mitterrand está disposto a examinar, juntamente com seus parceiros europeus, a possibilidade de uma ação comum para criar condições mais flexíveis a fim de que os países endividados possam honrar os compromissos internacionais relativos às suas dívidas. Fontes do Palácio Eliseu explicaram, entretanto, não existir por enquanto, nenhuma iniciativa a ser adotada. Teme-se apenas que essa alternativa possa chegar um pouco tarde, pois os meios financeiros europeus estão prevendo um desfecho rápido para a crise brasileira, acreditando que nos próximos dias o presidente José Sarney efetuará importantes modificações na sua equipe econômica, após a volta do ministro Dilson Funaro dos Estados Unidos, caso ele não obtenha qualquer abertura junto aos banqueiros comerciais com quem está mantendo contatos. Se isso ocorrer, dificilmente o presidente Sarney teria condições de resistir, tendo em vista a soma das fortes pressões internas e externas exercidas por grupos que reivindicam a saída do ministro da Fazenda.

A fonte palaciana confirmou que foi durante a recente visita de Mitterrand a Portugal, encerrada na quarta-feira, que o presidente Mário Soares fez um amplo relatório sobre a gravidade da crise econômica brasileira, país que acabara de visitar. Os termos impressionaram o chefe de Estado francês, advertindo-o, inclusive, para a situação social cada vez mais tensa, admitindo o perigo de uma explosão social. Isso poderia provocar a própria desestabilização do sistema democrático.

Dessa forma, o recado do presidente José Sarney, transmitido através do presidente português Mário Soares, foi assimilado pelo presidente da França, e também pelo ministro do Exterior, Jean Bernard Raymond, que integra o governo do primeiro-ministro Jacques Chirac. Ele manifestou-se publicamente no mesmo sentido, isto é, confirmando o estudo de uma ação comum na área



Mitterrand, impressionado

dos países da Comunidade Européia, tendo em vista a rápida deterioração do clima econômico, social e político no Brasil.

Ainda ontem, o matutino **Le Figaro** divulgou uma informação da enviada especial a Lisboa, Irene Jarry, confirmando as gestões do presidente Mário Soares, traduzindo um desejo do presidente José Sarney. Mário Soares, segundo o matutino francês, afirmou a Mitterrand que as autoridades de Brasília lhe haviam solicitado para enfatizar, ao presidente francês, os riscos de explosão social, provocados pela crise da suspensão do pagamento dos juros da maior dívida mundial. O jornal atribui ao presidente Mário Soares a afirmação de que "o presidente Sarney teme ver a jovem democracia brasileira voar em pedaços, razão pela qual gostaria que a França pudessem intervir junto às instâncias internacionais para obter um pouco mais de flexibilidade dos credores, públi-

cos e privados". Tais manifestações do presidente Mário Soares estão na linha das declarações feitas durante sua visita ao Brasil, quando prometeu agir na área da Comunidade Econômica Européia em favor das teses brasileiras de renegociação da dívida.

DESFECHO PRÓXIMO

Na área financeira francesa, indaga-se se ainda haverá tempo, tendo em vista a situação de "extrema tensão" das relações entre a comunidade financeira internacional e as autoridades monetárias brasileiras. Isso porque, para alguns banqueiros franceses ouvidos ontem em Paris, a disputa de braço de ferro entre o Brasil e seus credores entra na fase final. "Nos encontramos perto do desfecho o momento em que os bancos vão dizer claramente que a situação atual não pode mais perdurar", disse um banqueiro. Para a maior parte dos banqueiros franceses, o ministro Dilson Funaro está condenado, enquanto apenas alguns ainda acreditam que se possa caminhar com ele para um "grande acordo", mesmo admitindo que a forte campanha interna e externa contra o atual ministro dificulta o desenvolvimento normal das negociações. Essas mesmas áreas consideram insuficientes as medidas econômicas anunciadas no final da semana passada pelo ministro da Economia e que constituem a base da negociação atual nos Estados Unidos. Eles esperam que o governo brasileiro apresente um plano mais consistente, com medidas para reduzir os déficits, inclusive o público, para controlar a inflação etc., sem o qual não vai obter resultado junto aos banqueiros internacionais.

O problema da permanência ou não do ministro da Fazenda tem provocado debates junto aos próprios banqueiros internacionais. Ontem, o representante de um dos bancos franceses envolvidos com o Brasil comentava em tom de blague que agora está convencido de que vai perder a aposta feita com um de seus colegas, uma feijoada completa. Ele apostou na permanência de Dilson Funaro e até os últimos dias ainda acreditava, mas agora já começa a duvidar seriamente.